



Ser judeu e estar no Brasil no século 20 em Moacyr Scliar e Clarice Lispector

Being Jewish and Being in Brazil in the 20th Century: Moacyr Scliar and Clarice Lispector

Debora Chaimovitch-Yehoshafat*

Universidade Ben Gurion do Negev | Jerusalém, Israel

deborac@post.bgu.ac.il

Resumo: Na primeira metade do século XX, o Brasil recebeu imigrantes, oriundos dos mais variados países, o que, sem dúvida, marcou o desenvolvimento de sua sociedade e de sua cultura. No primeiro momento, o imigrante, e sua bagagem cultural, ainda conservou seus costumes tentando, ao mesmo tempo, adaptar-se à nova sociedade. Entre os imigrantes que chegaram ao Brasil, encontram-se os judeus provindos da Europa e Oriente Médio. Muitas vezes, a imigração é sinônimo de deslocamento, deixar um lugar e não pertencer a lugar nenhum. Esse sentimento está expresso em *A guerra no Bom Fim*, de 1972, de Moacyr Scliar, e em *A hora da estrela*, publicado em 1977, por Clarice Lispector. Esta comunicação estudará essa condição imigratória nos dois romances, considerando que o processo de imigração inclui etapas de adaptação, integração e assimilação.

Palavras-chave: Moacyr Scliar. Clarice Lispector. Imigração.

Abstract: In the first half of the 20th century, Brazil received immigrants from the most varied countries, which undoubtedly marked the development of its society and culture. At first, the immigrant, and their cultural baggage, still preserved their customs, trying, at the same time, to adapt to the new society. Among the immigrants who arrived in Brazil, there are Jews from Europe and the Middle East. Immigration is often synonymous with displacement, leaving a place and not belonging anywhere. This feeling is expressed in *A guerra no Bom Fim*, 1972, by Moacyr Scliar, and *A hora da estrela*, published in 1977, by Clarice Lispector. This communication will study this immigration condition in the two novels, considering that the immigration process includes stages of adaptation, integration, and assimilation.

Keywords: Moacyr Scliar. Clarice Lispector. Immigration.

Em 2015, realizei uma pesquisa de mestrado na Universidade Hebraica de Jerusalém, sobre a comunidade judaica de São Paulo. Nela, abordei o tema de imigração e a integração dos judeus na sociedade brasileira. Esta comunicação nasce, portanto, da dupla noção de ser e estar, ou seja, sobre ser judeu e estar no Brasil. O verbo “ser”, na língua

* Mestre em Estudos Interdisciplinares Hispânico e América Latina pela Universidade Hebraica de Jerusalém, Israel.



portuguesa, geralmente é usado para definir quem somos, e “estar” usa-se para dizer sobre o local onde nos encontramos ou como estamos nos sentindo. Porém, toda regra tem suas exceções, assim, o ser e o estar de uma pessoa se misturam, podendo ser interpretados de uma maneira complexa, principalmente quando se trata de imigrantes.

A condição imigrante pode ser interpretada como uma condição judaica, sobretudo, no final do século 19, quando muitos judeus migraram da Europa Oriental para os Estados Unidos, a Argentina e o Brasil. O processo de migração para muitos judeus foi uma etapa decisiva em suas vidas, porque fugiam da pobreza e da violência da Europa, chegavam no chamado Novo Mundo para realizarem seus sonhos, em busca de uma vida melhor. No entanto, essa trajetória também pode ser vista como uma experiência traumática que, inclusive, deixou muitas sequelas. A chegada ao Brasil e a necessidade de adaptar-se a uma nova cultura e sociedade foram obstáculos enfrentados por imigrantes judeus com maestria descritos por Moacyr Scliar em toda a sua obra. Em *Lispector*, embora menos explicitamente, essas marcas também podem ser evidenciadas.

Lispector e Scliar são expoentes máximo da literatura brasileira e não só da judaica. O romance *A hora da estrela*, publicado em 1977,¹ e *A guerra no Bom Fim*, publicado em 1972,² serão abordados neste artigo e sob essa perspectiva.

O nascimento de Clarice Lispector ocorre em um contexto sociopolítico dramático que acarretará conexões e interfaces em toda sua vida e obra. Scliar, por sua vez, afirma numa entrevista:

Todo autor é autobiográfico quando começa e *A guerra no Bom Fim* é a minha primeira novela (prefiro esta denominação, mais modesta, à de romance). Não posso dizer que me retratei no personagem Joel, mas outros que ali aparecem são até figuras que realmente existiram. E o bairro era aquilo mesmo. Quanto ao período, certamente é importante, com as revelações sobre o Holocausto, a proclamação do Estado e, no caso da comunidade judaica, um maior entrosamento com a cultura brasileira. Neste período, o Bom Fim deixa de ser o *shtetl* de Porto Alegre.³

Se a obra de Clarice pode ser analisada a partir de vários pontos de vistas, escolho analisá-la do ponto de vista de ser imigrante, judia, brasileira e mulher, e encontro essas quatro características na personagem Macabéa. Macabéa representa, explicitamente, o ser imigrante de Lispector. A trajetória de vida da escritora foi, em vários momentos,

¹ LISPECTOR, 1990.

² SCLiar, 1981.

³ ZILBERMAN, p. 117.



traumatizante. Em 1921, quando tinha dois meses ou dois anos, alguns dados sobre sua idade são incertos, a família de Clarice chega ao Brasil com o auxílio das “Cartas de Chamadas”. Trata-se de cartas enviada por familiares instalados no Brasil convidando às famílias que viviam no exterior. Somente com essa carta, que afiançava o cuidado da família com o imigrante recém-chegado, a permissão de imigração era dada.

Segundo Emilce Struchi, em *Vivir Duele*,

Macabéa vem dar voz ao trauma familiar e ao processo de imigração que Lispector tanto tendia a esconder, a camuflar. Ela mesma dizia: “A verdade é sempre um contato interior e inexplicável. A minha vida é mais verdadeira e irreconhecível, extremamente interior e não tem uma só palavra que a signifique”.⁴

Clarice e Macabéa se encontram nesse estar no Brasil. Clarice ao chegar ao Brasil com sua família instalaram-se em Maceió, depois, mudaram-se para Recife e, após a morte de sua mãe, com seu pai e irmãs, foram ao Rio de Janeiro. De forma semelhante, a personagem Macabéa também saiu do Nordeste e foi morar no Rio, para tentar uma vida melhor.

Existe, ainda, um constante conflito entre o ser imigrante e ser brasileira em Clarice. Quando questionada em entrevistas, programas de rádio ou TV, ela sempre dizia, “Nasci na Rússia, mas não sou russa não., “falo português ponto e pronto”. Esse conflito entre seu passado familiar e seu presente encontra-se, metaforizado, na personagem Macabéa. De acordo com a narrativa, ela é descrita como incapaz de usar a língua corretamente, o que é visto como algo negativo e que impede uma integração total na sociedade brasileira. Por outro lado, o fato de Macabéa não falar a língua corretamente permite que ela conserve um tipo de autenticidade, de inocência. Mas, se ela é incapaz de comunicar-se na sua língua e expressar seus sentimentos, essa incapacidade irá determinar o seu destino.

Clarice relata, nessa história, os desafios dos imigrantes, o aprendizado de um novo idioma e a capacidade de se expressar nele. Talvez seja uma crítica a sua própria condição já que Clarice recebeu a cidadania brasileira somente antes de seu casamento às vésperas a mudar-se ao exterior. Se Macabéa pode representar a condição imigrante do passado da escritora, ao mesmo tempo, essa representação questiona e critica a sociedade brasileira.

Uma das interpretações possíveis sobre Macabéa é que a autora deu à personagem voz para relatar a realidade brasileira, as diferenças sociais, os opressores e os oprimidos além de fortificar o papel dos escritores brasileiros daquela época que desejavam, pela literatura, impactar uma sociedade tão desigual.

⁴ STRUCCHI, 2016, p. 128



Para Vera Lúcia Cardoso Medeiros:

A hora da estrela é representação da sociedade brasileira, a transição da área rural a área urbana. A obra traz a trajetória da nordestina Macabéa em sua estada na cidade do Rio de Janeiro, onde namora o igualmente nordestino olímpico que, oriundo da Paraíba, aprende as regras básicas para sobreviver na cidade grande.⁵

A escritora, desse modo, pode ser interpretada de diversas maneiras e por intermédio de lentes judaicas, o ser judia. O pai de Clarice era culto que lia e falava a ídiche com a família, comemorava algumas festas judaicas e, como outros imigrantes, dedicava-se ao comércio. *A hora da estrela* está, de acordo com Maria Clara Castellões de Oliveira, em sua tese de doutoramento intitulada *O pensamento tradutório judaico: Franz Rosenzweig em diálogo com Benjamin, Derrida e Haroldo de Campos*, comenta sobre os objetivos dos estudos cabalísticos: “o objetivo central da Cabala’ [...] é o de esmiuçar o que havia de oculto na história da criação do mundo, tal como relatada pela lei de Deus [...]”.⁶

Para Oliveira:

Os primeiros cabalistas interessaram-se em analisar a natureza da criação e dessa forma a origem do homem, pois acreditavam que somente agindo de tal maneira poderiam aprender, cada um por seus próprios meios, o caminho de volta ao seu lar interior e alcançar a redenção e segundo ela, a Hora da Estrela está relacionado a temas cosmológicos e à cabala. Citando Clarice: “Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida”. O tema da vida vem, nessa perspectiva, portanto, relacionar-se com a palavra, assim como para os cabalistas, que a incluem na contingente narrativa da Criação”.⁷

Berta Waldman também acrescenta que a escritura e o modo de ser judaico de Lispector estão associados pelas interdições bíblicas, que em sua literatura são meios para tentar delimitar o que não tem limites, interligar presente e passado e representar sentidos absolutos que se exilam continuamente. Ademais, Waldman afirma que Lispector opta pelo neutro, pela pulsão de vida primária que ela procura atingir a partir dos limites do dia a dia.⁸

⁵ MEDEIROS, 2011, p. 93.

⁶ ALENCAR, 2011, p. 2.

⁷ ALENCAR, 2011, p. 3.

⁸ WALDMAN, 1998, p. 100.



E não poderia falar de Clarice ou Macabéa sem enfatizar o ser mulher. Clarice, quando escrevia para o *Correio feminino* reflete sobre a condição da mulher na sociedade. Muitas vezes, a escritora expressa a ambivalência entre a passividade da mulher e a mulher liberal. Assim que, Macabéa representa o retrato da feminilidade, ela não possui introspecção nem identidade ou integração sociocultural. Macabéa representa o questionamento interno da mulher que deseja responder à pergunta quem sou eu? para explorar sua condição dentro da sociedade. Assim como os vários seres de Clarice se misturam no estar no Brasil, nas obras de Scliar, o leitor pode encontrar o conflito entre os seres de modo mais explícito. O seu fabular, de modo alegórico, reflete um retrato do Brasil que mescla as diferenças, enfocando tanto a cultura brasileira como a judaica. Nessa mescla, seus personagens e narradores apresentam diferentes pontos de vistas o que salienta a complexidade da narrativa, mas, também do Brasil.

Em *A guerra no Bom Fim*, ser imigrante, judeu e brasileiro, conduz o leitor a uma viagem entre culturas, seja ela judaica, negra ou branca. Nesse livro, o autor reflete sobre o drama do imigrante, a perda da identidade cultural, as pressões urbanas e a condição de marginalidade de ser judeu no Brasil. Geralmente, os livros de Scliar reúnem várias gerações, a dos imigrantes pioneiros, vindos nas primeiras décadas do século 20 e de seus filhos e netos – a primeira e a segunda geração de judeus nascida no Brasil, abrangendo as transformações estruturais da sociedade, vinculadas aos processos de industrialização e urbanização e que se tornaram mais significativos após 1930.

O ser judeu em *A guerra no Bom Fim* – entre a crônica e a história – o narrador constrói uma espécie de crônica do cotidiano, cujo objetivo é resgatar a sua própria memória, depois, a dos judeus imigrantes, particularmente dos que viviam em Porto Alegre. O bairro judaico do Bom Fim era, nesse sentido, considerado um pequeno país, um gueto, afirma o narrador. Scliar relata a primeira fase do processo de imigração, o de adaptação, nela a comunidade de imigrantes copia o modo de vida que tinham no seu país de origem. No pequeno país de Joel está o esforço desesperado de recuperar algo irre recuperável a imagem de um mundo harmônico, tão utópico quanto a Nova Birobidjan.

Nessa construção de diálogos entre culturas e etnias, apresento duas cenas de *A guerra no Bom Fim*. Na primeira cena, os meninos, protagonistas da história, trocam comida, o que representa o processo de integração na sociedade; na segunda, os filhos de Ralf matam, simbolicamente, o velho judeu e o transformam em churrasco, o que pode ser interpretado como uma ameaça que faz lembrar os crematórios do Holocausto. Ao mesmo tempo, a mulata Maria, mãe dos criminosos, começa a comer Samuel, nessa cena de canibalismo, representa-se a diferença entre o homem branco e a mulata, a condição de colonialismo e uma crítica à sociedade brasileira. Sendo assim, Scliar recria uma sociedade mesclada,



porém não ingênua, pois, cada grupo, mesmo misturado, possui uma bagagem cultural na realidade brasileira.

Clarice Lispector e Moacyr Scliar são e estão no Brasil, seus múltiplos personagens encontram-se no estar no Brasil. A maneira de expressar o ser em Lispector está relacionado ao seu passado e ao presente de sua escrita, a sua maneira de ver o mundo e como suas raízes marcaram sua obra. Ser para Lispector, inclui, ainda, ser mulher e questionar seu papel na sociedade brasileira. Para ela, ser brasileira e estar no Brasil era muito importante, por isso, ela sempre explicava que era brasileira, que se sentia brasileira que falava português perfeitamente e quando perguntavam sobre seu possível sotaque, então, ela dizia, ironicamente, que tinha língua presa. Porém, para os brasileiros ela foi, durante muito tempo, considerada estrangeira.

Quando o *Jornal do Brasil* publicou uma reportagem sobre ela anunciando seu falecimento, anunciaram “A mulher que veio de longe”.⁹ Mas Clarice não queria ser rotulada, categorizada, assim como a narradora de *Água viva*, ela dizia: “Não posso me resumir porque não se pode somar uma cadeira e duas maçãs. Eu sou uma cadeira e duas maçãs. E não me somo.”¹⁰ Existe, nessa frase, o constante conflito entre o desejo de ser identificada como mulher brasileira e pertencer ao Brasil e a imagem de estrangeira que os outros faziam dela. Esse conflito também aparece nas obras de Scliar, no entanto, de forma, menos traumática. Em *A guerra no Bom Fim*, o processo pelo qual passaram os imigrantes, a melancolia da vida deixada na Europa, a necessidade de adaptar-se a nova sociedade e a assimilação de novas lutas e costumes, são mesclados ao ponto de vista das crianças, com seu bom-humor e ironia. Clarice Lispector e Moacyr Scliar estão, como centauros no jardim ou como soldados da legião estrangeiras irremediavelmente entranhados no Brasil.

Referências

ALENCAR, Katia Queiroz. Referentes judaicos em *A hora da estrela*: uma visada cabalística. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, 5(8), 2011, p. 48-57. Disponível em: <https://doi.org/10.17851/1982-3053.5.8.48-57>. Acesso em: 15 maio 2020.

JORNAL DO BRASIL, 10 de dezembro, 1977. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/030015_09/172138. Acesso em: 15 maio 2020.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1977.

MOACYR, Scliar. *A guerra no Bom Fim*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1972.

⁹ JORNAL DO BRASIL, 10 dez. 1977.

¹⁰ WALDMAN, 1998, p. 101.



STRUCCHI, Emilce. *Vivir duele: Clarice Lispector: una mirada desde la ciencia actual* Colección Crítica (Ediciones Godot) lat, 2016.

WALDMAN, Berta. O estrangeiro em Clarice Lispector. *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana* 24, n. 47 (September 15, 1998): p. 95-104. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/4530968>. Acesso em: 15 maio 2020.

ZILBERMAN, REGINA. Do Bom Fim para o mundo: entrevista com Moacyr Scliar. *WebMosaica* 1, n. 2, 2009, p. 116–20.

Recebido em: 23/02/2021.

Aprovado em: 23/03/2021.